

## RECOMPOSIÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA SUPERAR DEFASAGENS EDUCACIONAIS

Patrícia Baggio Holzmann<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute a recomposição da aprendizagem no Ensino Fundamental, destacando estratégias pedagógicas para superar defasagens educacionais. O objetivo foi analisar fundamentos e orientações presentes na literatura e em documentos institucionais, identificando práticas que favorecem progressão real das aprendizagens, com foco em habilidades essenciais. Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, de abordagem qualitativa, construída a partir de referências sobre avaliação formativa, uso de evidências no planejamento e diretrizes nacionais e internacionais de recuperação da aprendizagem. Os resultados indicam que a recomposição se torna mais efetiva quando se organiza como processo contínuo, articulando diagnóstico, intervenção e monitoramento, com priorização curricular alinhada à BNCC. Evidenciou-se a recorrência de estratégias como agrupamentos flexíveis, apoio pedagógico complementar/tutoria, reensino orientado por habilidades e acompanhamento frequente do progresso, com atenção à equidade. Conclui-se que a recomposição da aprendizagem exige intencionalidade pedagógica e continuidade institucional, com uso de evidências para orientar decisões docentes e sustentar intervenções capazes de reduzir defasagens de forma consistente.

**Palavras-chave:** Recomposição da Aprendizagem. Defasagens Educacionais. Ensino Fundamental.

**ABSTRACT:** This article discusses learning recovery in elementary education, highlighting pedagogical strategies to overcome educational gaps. The objective was to analyze foundations and guidance found in the literature and institutional documents, identifying practices that support real learning progression with a focus on essential skills. Methodologically, this is a narrative literature review with a qualitative approach, based on references on formative assessment, evidence-informed planning, and national and international learning recovery guidelines. The findings indicate that learning recovery is more effective when organized as a continuous process that articulates diagnosis, intervention, and monitoring, with curricular prioritization aligned with the BNCC. It also shows recurring strategies such as flexible grouping, additional instructional support/tutoring, skill-focused reteaching, and frequent progress monitoring, with attention to equity. The study concludes that learning recovery requires pedagogical intentionality and institutional continuity, using evidence to guide teacher decision-making and sustain interventions capable of reducing gaps consistently.

**Keywords:** Learning Recovery. Educational Gaps. Elementary Education.

**RESUMEN:** Este artículo discute la recomposición del aprendizaje en la educación primaria, destacando estrategias pedagógicas para superar rezagos educativos. El objetivo fue analizar

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação na Universidade Branner.

fundamentos y orientaciones presentes en la literatura y en documentos institucionales, identificando prácticas que favorecen la progresión real de los aprendizajes con foco en habilidades esenciales. Metodológicamente, se trata de una revisión bibliográfica narrativa, con enfoque cualitativo, construida a partir de referencias sobre evaluación formativa, uso de evidencias en la planificación y directrices nacionales e internacionales de recuperación del aprendizaje. Los resultados señalan que la recomposición es más efectiva cuando se organiza como un proceso continuo, articulando diagnóstico, intervención y seguimiento, con priorización curricular alineada a la BNCC. Además, se evidenció la recurrencia de estrategias como agrupamientos flexibles, apoyo pedagógico complementario/tutoría, reenseñanza orientada por habilidades y monitoreo frecuente del progreso, con atención a la equidad. Se concluye que la recomposición del aprendizaje exige intencionalidad pedagógica y continuidad institucional, con uso de evidencias para orientar decisiones docentes y sostener intervenciones capaces de reducir rezagos de forma consistente.

**Palabras clave:** Recomposición del Aprendizaje. Rezagos Educativos. Educación Primaria.

## INTRODUÇÃO

Falar em recomposição da aprendizagem no Ensino Fundamental é reconhecer, com honestidade, que muitas crianças seguiram avançando de série sem consolidar habilidades essenciais especialmente em leitura, escrita e matemática e que isso aparece no cotidiano da sala de aula: dificuldade de acompanhar explicações, insegurança para resolver problemas, baixa autonomia e desmotivação. O ponto central é que recompor não significa “voltar tudo do início”, mas identificar o que ficou frágil, priorizar o essencial e organizar intervenções que façam o estudante avançar com continuidade, sem improviso e sem culpabilização (BRASIL, 2024).

Esse debate também se conecta ao que a escola já tem como referência curricular. A BNCC orienta aprendizagens essenciais e reforça a necessidade de coerência entre currículo, ensino e avaliação, o que exige que a recomposição seja planejada com base em habilidades e progressões, e não apenas em listas de conteúdos (BRASIL, 2018).

Na prática, as redes e escolas têm buscado caminhos mais estruturados, e o próprio MEC organiza o tema como política pública por meio do Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens, voltado a apoiar estados e municípios nesse processo (BRASIL, 2024). Além disso, documentos internacionais vêm apontando estratégias recorrentes em programas de “catch-up” e recuperação: foco em habilidades fundamentais, reensino com intencionalidade, acompanhamento frequente, apoio ao professor e ações que reduzam desigualdades porque, sem equidade, a defasagem tende a se concentrar sempre nos mesmos grupos (UNESCO, 2021; OCDE, 2023).

Diante disso, o problema que orienta este artigo é: quais estratégias pedagógicas ajudam, de forma mais consistente, a recompor aprendizagens e superar defasagens no Ensino Fundamental? O objetivo é discutir fundamentos da recomposição e sistematizar estratégias pedagógicas (como priorização curricular, avaliação diagnóstica contínua, agrupamentos flexíveis, intervenções focadas por habilidade e monitoramento do progresso) que apoiem o planejamento docente e fortaleçam a progressão real das aprendizagens (BRASIL, 2024; OCDE, 2023).

## MÉTODOS

Este artigo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, com abordagem qualitativa, por ser um delineamento adequado para reunir fundamentos teóricos, sistematizar produções existentes e discutir implicações pedagógicas sobre recomposição da aprendizagem e estratégias para superar defasagens no Ensino Fundamental (GIL, 2019; MINAYO, 2014). A revisão foi construída a partir de leitura crítica, organização temática e síntese interpretativa das fontes selecionadas, sem pretensão de generalização estatística.

As fontes de dados foram constituídas por artigos científicos, livros e documentos orientadores nacionais e internacionais relacionados a recomposição/recuperação de aprendizagens, avaliação diagnóstica e formativa, priorização curricular, intervenções pedagógicas e redução de desigualdades educacionais. A população estudada correspondeu ao conjunto dessas publicações disponíveis em bases acadêmicas e fontes institucionais, não havendo participação direta de estudantes, professores ou escolas, uma vez que não se realizou pesquisa de campo.

A amostragem foi do tipo intencional, definida pela relevância e aderência ao tema. Os critérios de seleção incluíram: (a) publicações que tratassem de recomposição da aprendizagem no Ensino Fundamental; (b) estudos que apresentassem estratégias pedagógicas para superação de defasagens (priorização de habilidades, agrupamentos flexíveis, tutoria, sequências didáticas focadas e monitoramento); (c) documentos orientadores com diretrizes para redes e escolas; e (d) materiais com consistência teórica e pertinência para discutir planejamento docente baseado em evidências. Foram excluídos textos repetidos, materiais sem autoria identificável e publicações meramente opinativas, sem base metodológica explícita (GIL, 2019).

Quanto aos procedimentos analíticos, realizou-se leitura exploratória e, em seguida, leitura interpretativa, com organização do conteúdo em eixos temáticos, como: concepções de recomposição, diagnóstico e acompanhamento do progresso, priorização curricular, estratégias

de intervenção por habilidades, organização do tempo pedagógico e equidade. A sistematização foi orientada por princípios da análise de conteúdo, especialmente na etapa de categorização e interpretação das unidades de sentido presentes nos textos selecionados (BARDIN, 2016; MINAYO, 2014).

No que se refere às questões éticas, por se tratar de pesquisa exclusivamente bibliográfica e documental, com uso de materiais de acesso público e sem envolvimento direto de seres humanos ou animais, não houve necessidade de submissão a Comitê de Ética em Pesquisa nem de autorização institucional específica. Ainda assim, foram observados cuidados de integridade acadêmica, com rigor na citação das fontes e respeito às diretrizes éticas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016).

## RESULTADOS

A revisão bibliográfica reuniu documentos orientadores que definem a recomposição da aprendizagem como um processo planejado, contínuo e baseado em evidências, voltado à consolidação de habilidades essenciais e à superação de defasagens, evitando a lógica de simples “revisão de conteúdos”. Nos materiais analisados, o MEC apresenta a recomposição como estratégia articulada a diagnóstico, intervenções e monitoramento, organizada em políticas como o Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens (BRASIL, 2024).

4

Nos textos revisados, foi recorrente a presença da avaliação diagnóstica como ponto de partida para a recomposição, com registros de que identificar lacunas e conhecimentos prévios orienta a definição de prioridades e o planejamento das ações pedagógicas. Nos documentos analisados, a avaliação aparece vinculada ao ciclo diagnóstico–intervenção–acompanhamento, com foco em devolutivas e reorganização do ensino conforme resultados (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025).

Outro resultado recorrente foi a ênfase na priorização curricular e no foco em habilidades fundamentais, com referência à BNCC como base para selecionar aprendizagens essenciais e estruturar metas por habilidades. Nos materiais, a recomposição aparece associada à definição de objetivos claros, sequências didáticas focadas e progressão de habilidades, evitando a retomada genérica e fragmentada (BRASIL, 2018; BRASIL, 2024).

A revisão também identificou estratégias pedagógicas frequentemente mencionadas para superação de defasagens, como agrupamentos flexíveis, tutoria/apoio pedagógico complementar, uso de materiais estruturados, reensino orientado por habilidades e ampliação de tempo pedagógico para atividades focadas. Em fontes internacionais, essas estratégias

aparecem relacionadas a programas de recuperação que priorizam habilidades básicas e monitoramento frequente do progresso, com atenção a equidade e redução de desigualdades (UNESCO, 2021; OCDE, 2023).

Por fim, os textos analisados registraram desafios para a implementação da recomposição, incluindo falta de continuidade, dificuldade de interpretar dados, ausência de tempo institucional para planejamento e risco de ações pontuais sem acompanhamento. Em contrapartida, as publicações revisadas indicam que a efetividade da recomposição depende de apoio ao professor, organização escolar, formação continuada e monitoramento sistemático, para sustentar intervenções ao longo do tempo e evitar a reconstituição das defasagens (BRASIL, 2024; OCDE, 2023).

## DISCUSSÃO

Os resultados desta revisão reforçam que a recomposição da aprendizagem, no Ensino Fundamental, precisa ser entendida como processo pedagógico contínuo, e não como ação emergencial pontual. A literatura e os documentos analisados convergem ao indicar que recompor significa priorizar habilidades essenciais, organizar intervenções intencionais e acompanhar o progresso, evitando a ideia de “revisar tudo” de forma acelerada. No Brasil, essa compreensão aparece nas orientações do MEC, que estruturam a recomposição como política e reforçam a lógica de diagnóstico, intervenção e monitoramento como base para o planejamento escolar (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025).

Uma implicação prática muito forte dos achados é que a recomposição só se sustenta quando há diagnóstico pedagógico com uso formativo dos dados. Os documentos do MEC reforçam que a avaliação diagnóstica não deve ser tratada como etapa burocrática, mas como instrumento para identificar lacunas, orientar prioridades e definir metas por habilidades, alimentando a reorganização do ensino (BRASIL, 2024). Esse ponto dialoga com o entendimento de que dados só geram mudança quando se transformam em decisões: o que retomar primeiro, como agrupar estudantes, quais intervenções realizar e como monitorar avanços (BRASIL, 2025). Assim, a recomposição efetiva exige tempo de leitura pedagógica dos resultados e condições institucionais para replanejamento.

Outro resultado relevante é o destaque para priorização curricular e foco em habilidades fundamentais. Ao ancorar o planejamento na BNCC, a escola ganha referência para selecionar aprendizagens essenciais e construir progressões, evitando tanto a retomada genérica quanto a fragmentação do ensino. Isso é especialmente importante em cenários de defasagem, porque

priorizar não significa reduzir a aprendizagem, mas organizar um percurso viável para que o estudante avance com consistência (BRASIL, 2018; BRASIL, 2024). Nesse sentido, a recomposição se aproxima de uma lógica de progressão por habilidades, com intervenções focadas e acompanhamento sistemático.

Ao comparar os achados com fontes internacionais, percebe-se convergência em torno de estratégias já bastante descritas em programas de recuperação: foco em habilidades básicas, apoio adicional (tutoria), reorganização do tempo pedagógico, materiais estruturados e monitoramento frequente do progresso. A UNESCO destaca a necessidade de ações rápidas e escaláveis para recuperar aprendizagens, com estratégias que priorizam competências fundamentais e acompanhamento, especialmente em contextos de desigualdade (UNESCO, 2021). A OCDE, ao tratar de políticas educacionais e equidade, também reforça a importância de orientar intervenções com dados e de proteger estudantes mais vulneráveis, evitando que as defasagens se concentrem sempre nos mesmos grupos (OCDE, 2023). Isso fortalece a implicação de que recomposição e equidade caminham juntas: não basta recompor em média, é preciso recompor garantindo condições para quem mais perdeu.

Os desafios apontados na revisão ajudam a interpretar por que muitas iniciativas de recomposição se tornam frágeis: ausência de continuidade, pouca formação docente, falta de tempo institucional para planejamento e risco de ações isoladas sem monitoramento. Os documentos do MEC indicam que apoiar o professor, organizar rotinas de acompanhamento e sustentar intervenções ao longo do tempo são condições centrais para evitar que a recomposição vire apenas “projeto do mês” (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025). Assim, uma implicação importante é institucional: recomposição exige gestão pedagógica, planejamento coletivo e acompanhamento sistemático.

Quanto às limitações do estudo, por se tratar de revisão bibliográfica narrativa, os resultados dependem do recorte das fontes selecionadas e não permitem generalizações para realidades específicas de redes e escolas. Além disso, não houve acompanhamento empírico de turmas nem avaliação de impacto de programas em campo, o que limita a análise ao plano documental e teórico (GIL, 2019; MINAYO, 2014). Ainda assim, a revisão permite sistematizar fundamentos e estratégias recorrentes que podem orientar decisões pedagógicas.

Como caminhos para novas pesquisas, os achados indicam a necessidade de estudos empíricos que acompanhem intervenções de recomposição no cotidiano escolar, analisando: (a) quais estratégias produzem maiores avanços por habilidade; (b) como o uso de dados influencia a tomada de decisão docente; (c) efeitos de agrupamentos flexíveis e tutoria em diferentes perfis

de estudantes; e (d) condições institucionais que sustentam continuidade. Pesquisas comparativas entre escolas e redes, considerando desigualdades e recursos disponíveis, também podem contribuir para identificar modelos mais eficazes de recomposição com equidade (BRASIL, 2024; UNESCO, 2021; OCDE, 2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta revisão evidenciam que a recomposição da aprendizagem no Ensino Fundamental precisa ser compreendida como um processo contínuo, planejado e sustentado por evidências, e não como uma ação pontual de “revisão” de conteúdos. As produções analisadas mostram que recompôr significa identificar lacunas, priorizar habilidades essenciais e organizar intervenções com acompanhamento sistemático, de modo a garantir progressão real das aprendizagens e reduzir defasagens acumuladas (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025).

A revisão também apontou que a avaliação diagnóstica ocupa lugar central nesse processo, pois orienta decisões docentes e permite definir prioridades, metas por habilidades e estratégias de intervenção. Quando integrada ao ciclo diagnóstico–intervenção–monitoramento, a avaliação fortalece a devolutiva pedagógica, o replanejamento e a organização de percursos de aprendizagem mais coerentes com as necessidades reais dos estudantes (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025). Além disso, a priorização curricular ancorada na BNCC aparece como elemento essencial para organizar a recomposição, evitando retomadas genéricas e favorecendo intervenções focadas e sequenciadas (BRASIL, 2018).

Outro achado relevante é que as estratégias mencionadas com maior recorrência como agrupamentos flexíveis, apoio pedagógico complementar/tutoria, uso de materiais estruturados e ampliação de tempo pedagógico tendem a produzir melhores condições de aprendizagem quando articuladas a monitoramento frequente e apoio ao professor. As fontes internacionais revisadas reforçam que recomposição eficaz depende de foco em habilidades fundamentais, acompanhamento do progresso e atenção à equidade, para que estudantes em situação de maior vulnerabilidade não permaneçam concentrando as defasagens (UNESCO, 2021; OCDE, 2023).

Por fim, considerando os limites próprios de uma revisão bibliográfica narrativa, conclui-se que os achados sistematizam tendências e fundamentos presentes em documentos e literatura, mas indicam a necessidade de estudos empíricos em contextos reais de escola. Ainda assim, os resultados sustentam que a recomposição da aprendizagem se torna mais efetiva quando é guiada por evidências, ancorada no currículo e sustentada por intervenções contínuas

e monitoradas, fortalecendo o planejamento docente e a progressão das aprendizagens no Ensino Fundamental (BRASIL, 2024; BRASIL, 2025; BRASIL, 2018).

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BLACK, Paul; WILIAM, Dylan. **Assessment and classroom learning**. Assessment in Education: Principles, Policy & Practice, v. 5, n. 1, p. 7-74, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Guia para Implementação da Recomposição das Aprendizagens. Brasília, DF: MEC, 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens. Brasília, DF: MEC, 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Guia de avaliação e mediações pedagógicas para recomposição das aprendizagens. Brasília, DF: MEC, 2025.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 24 maio 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **From learning recovery to education transformation**. Paris: OECD, 2022.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Catching up on lost learning opportunities**. Paris: OECD, 2023.

SADLER, D. Royce. **Formative assessment and the design of instructional systems**. Instructional Science, v. 18, n. 2, p. 119-144, 1989.

UNESCO. **Recovering lost learning: what can be done quickly and at scale?** Paris: UNESCO, 2021.

WORLD BANK. **Mission: Recovering Education in 2021**. Washington, DC: World Bank, 2021.